

Contraponto

Boletim da Célula da Escola Artística Conservatório de Música de Coimbra



Boletim n.º 1 - Março de 2021

Opinião e Propósito é o que se quer do boletim da célula do PCP de um Conservatório, ainda mais no tempo em que a Cultura está sob o fogo do confinamento. **Quem educa para a Cultura tem de romper silenciamentos, apontar caminhos, lutar pelas soluções** que garantam aos nossos jovens (desmentindo a Fábula infeliz) que a condição da Cigarra não é diferente da condição da Formiga: é a **do trabalho, e da conquista do direito ao salário e ao reconhecimento social. Quem educa para a Cultura educa para a Liberdade**, para a ampliação do acesso à educação artística, para o significado do indivíduo na construção coletiva, para a participação democrática no palco em que ser professor é ser artista também. Disto tudo aqui se dirá, e da disposição para semear futuros, neste ano do Centenário do PCP.

Duas breves considerações sobre a rede pública de ensino artístico especializado

Dois coisas podemos hoje pregar sobre **a rede pública de ensino artístico especializado**: ambas certas, ambas infelizes. **Insuficiente e assimétrica são os dois adjetivos sobre os quais se aperta a malha desta rede de crivo escancarado**. Insuficiente porque cobre apenas 7 entre 18 dos distritos do território continental; assimétrica porque, em primeiro lugar, todos os distritos cobertos por esta rede se encontram na costa atlântica e, em segundo lugar, porque 6 destes se situam a norte do rio Tejo.

Foi em 1834 que a vitória do liberalismo condicionou fortemente a mobilidade dos religiosos, extinguindo as diversas ordens religiosas e obrigando à secularização do ensino artístico, até então sob a égide do Real Seminário de Música da Patriarcal. A partir deste momento histórico, o ensino artístico caiu a terreiro e floruiu. Após o Conservatório Nacional (1835), seguiu-se a cidade do Porto (1917), o Instituto Gregoriano em Lisboa (1953), Aveiro (1960), Braga (1961) e Coimbra (1985). Já depois da viragem do milénio, nasceram as experiências dos Agrupamentos de Escolas de Bemposta (Portimão), Vila Longa (Vila Franca de Xira), Luís António Verney (Lisboa) e Abrantes. Todavia, no que a escolas especializadas diz respeito, só Loulé (2019) nos cabe em relato.

Importa também descrever o processo a partir do qual se desenvolveu tamanha assimetria.

Com exceção do Conservatório Nacional – fundado sob decreto-régio de D. Maria II – e das escolas do novo milénio, as restantes nasceram da iniciativa privada e foram, num processo iniciado durante a posse ministerial de Veiga Simão, sendo nacionalizadas durante os primeiros anos da década de 70. Braga em 1971, Porto em 1972, o IGL em 1976 e, posteriormente, Aveiro em 1985 juntamente com Coimbra que já nasce pública, fruto enxertado de duas escolas particulares. Esta é a demonstração de **um poder político que se movimenta sem estratégia, sem planificação, sem manifesto interesse por esta área de ensino** e que conduziu à apropriação da rede de ensino artístico por parte do setor particular e cooperativo que conta, atualmente, com 104 escolas financiadas - 40 na região Norte, 20 na região Centro, 26 na região de Lisboa e Vale do Tejo, 10 na região do Alentejo e 8 na região do Algarve. Num momento em que o Ministério da Educação criou um grupo de trabalho para se debruçar sobre o ensino artístico especializado (Despacho n.º 435-A/2021), as preocupações com **a expansão e cobertura de uma rede pública de estabelecimentos escolares** assumem uma urgência ímpar na senda de uma **democratização plena do acesso ao ensino artístico em todo o território nacional**, acesso esse que só poderá ser concedido exclusivamente através do **planeamento e controlo público robusto da rede**.

O potencial do indivíduo quando inserido num coletivo

É assinalado por muitos professores do Ensino Artístico Especializado da Música (EAEM), aparecendo aliás nos sites de algumas escolas, que a prática da disciplina de Música de Conjunto constitui um fator de motivação e de estímulo da aprendizagem do Instrumento (disciplina central dos planos de estudo do EAEM).

Numa breve reflexão sobre as razões para tal, podemos considerar que **a força que a pertença a um coletivo exerce sobre os alunos é de elevada ordem**. Quer se trate de um Coro ou de uma Orquestra os alunos vêm-se inseridos numa **dinâmica social onde todos têm um objetivo comum**, onde se diluem as eventuais diferenças de nível de proficiência individual em prol da partilha da **responsabilidade coletiva pela interpretação de uma obra musical**.

Trata-se de viver a música em comunidade, sem relações de hierarquia, **sem dominadores e dominados**, onde o contributo individual é valorizado enquanto

fundamental para o resultado do grupo, sem haver lugar ao estabelecimento de comparações nem à competição. **Cada aluno é uma peça de uma engrenagem, com sentimentos, vontades, capacidade de pensamento e de ação próprios, mas voluntariamente colocados ao serviço do coletivo, de um interesse e ideal comum: aprender e fazer música.**

Não deixa de ser curioso que, se por um lado se considera ser de estimular a prática instrumental de conjunto e, portanto, os coletivos, sendo de notar que em quase todas as escolas da rede pública essa prática começa em ciclos iniciais de aprendizagem e atravessa todo o percurso dos alunos, **por outro lado proliferam os concursos, onde a competição entre os alunos é vista como detentora de grande potencial motivacional**. Ou seja, a mesma razão é invocada de forma igualmente enfática por alguns agentes educativos para justificar a opção pelo individualismo e pelo coletivismo.

CENTENÁRIO



PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS

1921-2021

Gestão Escolar - das "Lideranças fortes" à Democracia

Quando se fala de escola fala-se do mundo inteiro. Porque **a Escola é mesmo a reprodução da sociedade**, refletindo qualidades e insuficiências, confrontando inconciliáveis realidades. **A escola não é o mundo perfeito** que se pretende apregoar, ou não fossem os destinos de cada aluno o somatório de fatores que a escola, mesmo que o pretenda, é incapaz de resolver. Que o diga a presente crise sanitária, demonstrativa de que **o mundo digital está longe de ser um lugar de inclusão**. Mesmo assim, na escola que foi talhada para ser democrática vão permanecendo traços de resistência à conformação, ao desenvolvimento de uma engrenagem desenhada para escolher quem há de mandar e quem há de obedecer. **Só em democracia se pode educar democracia**. Talvez por isso, os governos de tendência neoliberal sempre revelaram grandes reservas ao modelo de gestão democrática, elemento essencial da autonomia que era necessário eliminar – a humana e a organizacional. E como tantas vezes aconteceu na História recente de Portugal, **coube a um governo PS (de Sócrates) abrir a caixa de Pandora**

de onde haviam de sair arbitrariedades e autoritarismos, vistas curtas e seguidismos, peões laboriosos reinventando o velho reitor do liceu salazarista, potencial protagonista do célebre Discurso de Alberto Pimenta. Exceções haverá, felizmente, mas não mais do que apenas isso: exceções. **O "sistema" aponta o caminho das "lideranças fortes"**, do cumprimento de objetivos, da corrida ao ranking, da vitória da IGEC, **da educação para o individualismo, da proibição do coletivo**.

A vida democrática das escolas é hoje uma memória distante. Destituídos do direito de decisão, os professores dissolvem o seu voto em Conselhos Gerais que os querem minoritários, à luz da mesma Lei que os quer proletarizados e diminuídos até da assunção de responsabilidades nos órgãos de decisão pedagógica. No momento de grande ofensiva generalizada contra o regime democrático, **exigir a extinção do modelo de gestão "empresarial" tem de ser uma tarefa de todos os professores, de todos os democratas**. Pois se até a criatura de Hefesto, causadora involuntária de tantos males, guardou na Caixa, a Esperança...

Músico ou Professor? Músico e Professor

Os músicos e os professores têm algo de muito importante em comum, ambos têm (ou devem ter) de estudar a vida toda. São trabalhos em constante evolução e o conhecimento nunca acaba. No caso dos professores de instrumento estas duas profissões sobrepõem-se e desenvolvem-se par a par. De facto, **o ensino é algo essencial na vida de um músico** em Portugal. Podendo mesmo ser uma obrigação (para alguns), se quiserem sobreviver, já que são muito poucos aqueles que conseguem viver, exclusivamente, de espetáculos e gravações. Muitos músicos são professores, mas nem todos os professores podem dar-se ao luxo de ser músicos.

O ensino da música permite, na maioria dos casos, alcançar a estabilidade de um contrato de trabalho. E esta é a principal razão pela qual, muitos dos músicos não estão, neste momento pandémico, a lutar para pagar as contas em Portugal, ao contrário dos seus colegas artistas independentes, mas dependentes dos recibos verdes. No entanto, **esta dupla identidade cria tensões laborais**. A prática instrumental e os concertos são parte essencial da formação contínua de um professor de música.

Tocar um instrumento, não é só dominar a técnica e a linguagem musical, é também **saber gerir emoções**.

Para tudo isto **é preciso tempo, tempo para sentir, para experimentar, para estudar**. Tempo para subir a um palco.

Todavia, **o número de horas lectivas para um professor do ensino artístico especializado, em horário completo, tem vindo a aumentar**, tornando o tempo para a prática instrumental cada vez mais escasso.

Mas se não soubermos dominar o instrumento que ensinamos, será que podemos ajudar os nossos alunos? **Aprende-se muito a ensinar**, mas o ensino toma muita energia e tempo ao estudo do instrumento que tocamos. E, sem essa energia e esse tempo, estar "em forma" e preparar concertos torna-se muito complicado.

É muito difícil manter o nível técnico e artístico e, consequentemente, é cada vez mais abstrato ensinar a nossa arte. Estas podem ser **tensões e contradições inerentes à condição de músico-professor**, mas a sua identificação aponta um caminho que as pode atenuar, nomeadamente o reconhecimento por parte de escolas de todo o trabalho "de casa" de seus professores além da preparação das aulas.

Este **reconhecimento não é simples, nem imediato**, mas importa começar uma discussão informada que **permita a valorização do nosso trabalho**.

Liberdade, Democracia, Socialismo

O futuro tem Partido